

## Manuscritos

François Delsarte

**RESUMO – Manuscritos<sup>1</sup>** – Nestes fragmentos de manuscrito, coletados do arquivo de François Delsarte, o autor francês nos oferece anotações de seus cadernos nas quais se encontram considerações sobre o trabalho técnico do cantor, em especial sobre os graus e a expressão. Apresentam-se princípios de seu trabalho e conselhos aos alunos. O texto demonstra a visão de Delsarte sobre a questão da inspiração e seu papel no trabalho do artista. Desenvolve aspectos relacionados à sua pedagogia sob a forma de diálogo.

Palavras-chave: **François Delsarte. Pedagogia da Voz. Pedagogia do Corpo. Dança. Teatro.**

**ABSTRACT – Manuscripts** – In these excerpts from a manuscript from the François Delsarte archive, the French author offers us passages from his notebooks, with considerations on the techniques used by singers, especially on degrees and expression. It presents the foundations of his work and offers advices to students. The text explains Delsarte's viewpoint on inspiration and its role in artistic work. It discusses aspects related to his form of pedagogy in the form of dialogue.

Keywords: **François Delsarte. Vocal Pedagogy. Pedagogy of the Body. Dance. Theatre.**

**RÉSUMÉ – Manuscrits** – Dans ces fragments de manuscrits extraits des archives de François Delsarte, l'auteur français nous offre quelques notes de ses cahiers portant sur le travail technique du chanteur et, plus particulièrement, sur les degrés et l'expression. Ces annotations présentent quelques principes de son travail ainsi que des conseils adressés aux élèves. Le texte permet d'appréhender la vision de Delsarte à propos de l'inspiration et de son rôle dans le travail de l'artiste. Quelques aspects relatifs à sa pédagogie sont également développés sous forme de dialogue.

Mots-clés: **François Delsarte. Pédagogie de la Voix. Pédagogie du Corps. Danse. Théâtre.**

*A questão da transmissão é central na obra de Delsarte. Sem ela, ele seria apenas um teórico da arte depois de ter sido um artista de certa notoriedade. Ora, o fato de transmitir o que ele descobriu é para ele mesmo uma segunda missão: à missão do artista se acrescenta a do pedagogo. Além de artista e teórico da arte, ele é também pedagogo da arte. A questão da pedagogia se impôs no centro do seu percurso. A transmissão não se contenta com um enunciado de regras e de leis, ela se organiza em torno da recepção das mesmas por um aluno a fim de que essas regras e leis possam ser aplicadas de maneira eficaz, ou seja, respondendo aos objetivos do ensino dispensado e se adaptando a cada aluno. Em 1832, Delsarte abandonou a cena para privilegiar sua pesquisa e a transmissão dela através de aulas particulares de canto. A partir dessa época, ele colocou em prática uma pedagogia que refletia seu método, baseado essencialmente em uma aproximação empírica e nos seus conhecimentos de então. A abertura dos Cours d'Esthétique Appliquée em 1839 marca uma nova etapa: sua pedagogia integrada, a partir de então, seus conhecimentos teóricos essenciais (principalmente anatômicos e metafísicos), ao mesmo tempo em que ela se abre ao domínio da declamação e do gesto. Até 1871, seu ensino permaneceu estável em suas grandes linhas, sem, no entanto, deixar de se aprofundar, privilegiando particularmente e de maneira cada vez mais nítida o trabalho do corpo. Esse ensino era direto e oral. Essa maneira de transmitir era a que convinha melhor às matérias ensinadas (canto, arte oratória, gesto), uma vez que essas supunham uma integração e uma apropriação do que é transmitido, em outras palavras, uma incorporação do ensino e não uma simples acumulação de noções que uma transmissão escrita teria favorecido. Ela correspondia igualmente à maneira de funcionar de Delsarte, sem dúvida, amplamente determinada pelo seu modo inicial de formação baseado bem mais em experiências pessoais do que em teorias eruditas. Enfim, a oralidade é um traço comum dos referentes tanto exotéricos quanto filosóficos e bíblicos de Delsarte<sup>2</sup>.*

### **Discurso Preliminar**

Jovens artistas que compreendem o poder de sua arte, vocês que entenderam que o canto pode ser útil a outra coisa além de acariciar os ouvidos, vocês que compreendem enfim tudo o que existe de grande e de difícil no exercício de sua missão, extraíam o segredo de sua arte da análise das leis da natureza e não das variações do gosto e da vaidade, desprezem esse espírito rotineiro que, sem leis, comanda vocês e os escraviza sem poder. Saibam enfim que o homem só deve reconhecer um poder absoluto, o poder da razão<sup>3</sup>.

### **Sobre a Inspiração**

Que não venham nos dizer agora que a inspiração é necessária à verdade da expressão, para nós é fácil provar que ela é, em qualquer hipótese, mais prejudicial do que útil à arte; e dizemos mais, esse delírio chamado inspiração, essa alienação que consideramos como calorosa, só é comum nas pessoas frias e sem talento.

Eu admito um momento que sem análise e pelo único efeito da inspiração, se tenha conseguido, às vezes, materializar de maneira satisfatória uma outra atitude que não a sua. Mas estamos todos os dias inspirados? Não sabemos que a inspiração é subordinada a um concurso de circunstâncias independentes de nós? Que uma indisposição moral ou física, sem o apoio das regras, contribui potencialmente a nos fazer dizer hoje de uma maneira fria e monótona o que ontem teríamos dito completamente diferente? A inspiração é uma febre sobre a qual não nos é dado o poder de prolongar o estado e, pela espontaneidade dos ânimos que ele determina, é possível que o artista venha a se ultrapassar um dia. Mas como esse estado não é permanente, nem submisso à nossa vontade, assim como não o são as circunstâncias que o suscitaram, ele nada mais é do que uma destas exaltações da alma que passam como um raio e que não se sente mais do que duas vezes na vida. Nós podemos, então, concluir que os que esperam que o talento venha da inspiração serão, por terem sido sublimes um instante, cem vezes detestáveis [...].

Observemos um pouco as paixões em suas diversas inflexões e, em breve, a experiência nos provará irresistivelmente que elas têm as mesmas relações nos povos mais diferentes, que algumas regras positivas podem ser facilmente tiradas dessas relações [...].

As paixões seguem o caráter, o tipo de educação e a posição social dos que as sentem, elas podem ser mais ou menos violentas, mais ou menos expansivas ou concentradas, mas essas modificações consistem unicamente na intensidade subordinada à excitabilidade do caráter, mas jamais na *inflexão*; pois a inflexão é uma melodia que colore e vivifica, sem a qual não existe nem sentimento, nem nuances; indispensável à inteligência do sentido, é essa inflexão que discerne as paixões e caracteriza a expressão delas e, seja qual for o caráter que a exprime, ela permanece constantemente invariável. Ora, posto essa invariabilidade, se é possível estabelecer regras positivas sobre a nuance das inflexões, por que não se faria também para a melodia que nada mais é, na sua essência, do que a inflexão prolongada?<sup>4</sup>

### Textos Diversos

O teorema sobre o qual repousa meu ensino não contradiz em nada essa verdade superior. Bem melhor, essa verdade nunca deixou de estar diante dos meus olhos [...]. Meu ensino só quer ensinar à liberdade os recursos [...]. Eu só quero dizer que todo homem que estaria suficientemente seguro de sua fé, a ponto de não temer expô-la ao contato desse ensino, encontraria nele uma luz prática [...]<sup>5</sup>.

Jovem, você que só procura na arte uma maneira de enriquecer, que só ambiciona a glória efêmera e que só vê na arte um instrumento de suas ambições desmesuradas; jovem cujas volúpias irritaram os sentidos, ressecaram o coração, enfraqueceram o espírito; jovem que se diz de espírito forte e que um ceticismo sistemático esterilizou: não procure nada aqui que seja da sua conveniência. Abandone este livro no qual você não saberia penetrar o sentido. Vocês estão condenados a só encontrar no fundo do coração um riso infeliz para com toda doutrina elevada<sup>6</sup>.

A reprodução cega que resume o saber de tantos cantores, congela, paralisa e resseca tudo o que a natureza e a vocação tinham lhes dado como instinto, inteligência e coração. Que não se venha buscar aqui esses sinais parasitas, consagrados por uma tradição que nós declaramos funesta à arte. Nós nos privamos de mencionar, no nosso texto, qualquer indicação referente às nuances, às respirações, às forças<sup>7</sup> etc., deixando aos nossos alunos o cuidado de produzir esses efeitos pelo seu próprio movimento, como uma indicação das leis fixas e precisas que nosso ensino lhes fez conhecer previamente<sup>8</sup>.

### **Conselhos aos meus Alunos<sup>9</sup>**

1) Conselhos aos meus alunos, introdução à segunda parte. Meus caros alunos, antes de penetrar mais fundo na ciência da expressão, eu devo adverti-los contra esse desejo desenfreado de aplicar os graus que vocês ainda não aprenderam. Não façam como alguns dos seus colegas que, precipitados demais em aplicar números aos seus discursos, se tornaram cem vezes mais artificiais, mais pomposos, mais falsos do que teriam sido se não tivessem me conhecido. Eu quero dizer que vocês ainda não percebem toda a importância dos graus, que vocês ainda estão longe de poder aplicá-los. É que, com efeito, não se trata de saber que um atributo possui seis graus [...], nem mesmo é suficiente ter lido minhas razões, é preciso entendê-las, procurá-las no mundo, observar com que facilidade os graus se exprimem na conversação cotidiana.

2) Meu caro aluno, eu fico encantado com a sua dedicação para aprender meus graus de valores. Falta agora, como você diz, poder aplicá-los. Bem, não faça como alguns de seus colegas que se precipitaram em aplicar essas regras no ritmo deles e se tornaram mil vezes mais artificiais e menos inteligíveis do que eles seriam se não tivessem me conhecido.

– É estranho senhor, eu seguido reparei que nas suas aulas os mais instruídos pelo seu sistema são sempre os mais artificiais.

– Isso não deve mais surpreendê-lo caro aluno. Eu quis convencê-los, com essa artificialidade, de que eles não tinham suficientemente refletido por eles mesmos sobre a verdade dessas regras. Eu o fiz em consideração a eles, e pela instrução de todos, como se fazia no conservatório. Eu disse a eles:

“Aqui estão os graus [...], falem de acordo com o valor desses graus e vocês falarão corretamente”. Eles fizeram o que eu pedi e seu ritmo tomou uma afetação terrível.

– Então esses graus não são tão corretos quanto o senhor nos anunciou?

– Perdoe-me.

– Mas de onde vem essa artificialidade?

– É que nenhum de vocês entendeu ainda a utilização desses graus.

– É precisamente isso, meu caro mestre, que eu estou impaciente para saber. Como é que se faz então?

– Aí você está recaindo no seu antigo sistema. Não é de mim que você deve aprender.

– Mas, no entanto, você é meu mestre.

– Sim, mas para fazer você observar seus erros, não para impor-lhe minha maneira, que nada mais é do que uma cópia enfraquecida da boa.

– Mas para que serve então seus graus?

– Para nada sinceramente, se eles não são o resultado de suas pesquisas.

– Mas seus graus de valor não são, como você mesmo disse, o resultado exato de suas observações? Para dizer com uma só palavra, eles não são justos?

– Perdoe-me, mas eu repito, eu não acredito ter me enganado.

– Bem, para que nos serve então nos quebrar a cabeça durante anos para que talvez reproduzíssemos o que você nos dá [...]; pois, você há de convir de antemão, que pela clareza, pela precisão de sua análise, os graus que você nos ensinou são as medidas certas da expressão; não seria melhor, penso eu, *aplicá-los através dos meios mecânicos que você nos indicou inicialmente?*

– Certamente não.

– Então eu não entendo mais nada, e não acho que tenha progredido tendo passado meu tempo estudando sua análise.

– E eu o creio, ao contrário, bastante adiantado.

– Diga então.

– Eu digo que *é preciso que os graus sejam o resultado de suas pesquisas, com efeito. Deixe por um instante de lado*

*meu método se você quiser ter mais tarde uma confiança refletida e inteira nele: inteira, pois ela não será mais cega. Não leve em conta nenhum dos meus graus. Procure-os você mesmo [...], e mesmo se você terminar concordando comigo, isso ainda não me contentará. Faça o que eu ainda não escrevi a fim de forçar você mesmo a encontrar. Ache uma prova evidente de que esses graus são corretos e de que o que eu suponho ser, não o seja.*

– Ah, me perdoe por interrompê-lo, aí está o que eu queria saber de uma maneira positiva.

– Bem, *procure em você mesmo a razão e certamente você compreenderá os graus e sua necessidade.* Eu espero, antes de tudo, que para a próxima aula você tenha feito esse trabalho.

– Mas você acha, meu caro mestre? O quê! Você me pede para fazer em dois dias o que lhe custou vinte anos sem dormir.

– Por que a surpresa? *Você tem mil vantagens em relação a mim, pois você já sabe o que eu nem ousava crer: que existe uma unidade de expressão e que a partir daí é possível determinar através de números as medidas relativas às ideias nos discursos; você tem, além do mais, o hábito da análise que se tornou familiar a seu espírito; você tem enfim todos os recursos que eu precisei procurar e os quais eu utilizei para atingir esse objetivo.* Bem, deve ser fácil para você agora fazer o que me causou tanta dificuldade.

– Eu acredito em você já que você o afirma: para mim, a aplicação desses graus, sua acentuação, é o que me falta saber. Eu confesso que a minha fé está começando a se enfraquecer, pois mesmo reconhecendo a utilidade dos graus quanto à clareza da análise, quanto ao valor, eu quero dizer o sentido das palavras, eu ainda não vejo como isso tem nos ajudado até agora, para dizer a verdade.

– *Tenha paciência!* Você não me prometeu ter mais confiança? Faça primeiro o trabalho que eu lhe pedi. *E quanto a essa aplicação que você quer tanto colocar em prática, eu lhe direi que você não aprenderá jamais enquanto você não a tiver observado no mundo.*

– Mas *no mundo não se conhece os graus de expressão.*

– Não, certo, não se sabe e, *no entanto, se exprime com uma exatidão surpreendente na conversação cotidiana.*

- Por que na conversação cotidiana?
- Por quê? É porque *somente lá onde se fala livremente, sem afetação, que os graus podem ser observados com exatidão [...]*.
- Eis o que me surpreende.
- Pense bem, e você não achará nada surpreendente.
- Você quer dizer então, meu caro mestre, que observando a aplicação desses graus na conversação eu conseguirei, eu mesmo, expressá-los através da imitação?
- Sim. Para isso, *observe bem os recursos que utilizamos para expressar sem afetação esses valores. Eu direi ainda: observe você mesmo na conversação, e verá que você possui em você mesmo os recursos para dar às palavras o valor máximo sem o mínimo esforço ou embaraço. Enfim, depois de seu primeiro trabalho que é de justificar ou encontrar meus princípios [...], me faça um resumo de suas pesquisas sobre a acentuação ou a maneira de expressar esses graus [...]*.
- Eu entendo agora que era necessário, *antes de tentar aplicar seus princípios e para fazê-lo bem, observar no mundo seus efeitos naturais*. Essa maneira me parece agora tão simples e tão clara que eu me arrependo de não ter pensado antes. Não é ao francês que eu farei apelo para me instruir e aprender a dizer, mas em todo lugar no mundo me será fácil encontrar modelos. É só agora que eu entendo a vantagem que me trará o conhecimento dos graus de valor. Como observar, efetivamente, de maneira frutuosa sem esses graus: pois não há comparação possível sem uma ideia precisa dos termos comparados. E como precisar esses termos sem medida? *Agora eu entendo que graças a essas medidas de graus de valor me será possível distinguir eu mesmo, e facilmente, a maneira certa de dizer da errada, e apreciar as qualidades de alguns de nossos artistas sem cometer seus mesmos erros*. Eu entendo ainda, o que até então me era difícil de acreditar que, por essa via, basta refletir para alcançar o maior talento e que através da análise tudo é possível ao homem. Aqui estou, caro mestre, todo pleno de aplicação, e espero encontrar para o próximo curso essa prova que você me pediu como resultado do meu trabalho.

## Notas

<sup>1</sup> Textos inéditos de François Delsarte coletados por Franck Waille dos arquivos do autor na França e EUA. Uma compilação desses textos pode ser encontrada em francês em WAILLE, Franck. **Corps, Arts et Spiritualité chez François Delsarte (1811-1871)**. Des interactions dynamiques. Lille: ANRT, 2011, 2<sup>o</sup> volume, section “annexes”, p. 31-34.

<sup>2</sup> Introdução e notas de Franck Waille.

<sup>3</sup> “François Alexandre Nicolas Delsarte Papers, Mss. 1301, Louisiana and Lower Mississippi Valley Collections, LSU Libraries, Baton Rouge, La”. [= Delsarte Collection =DC], box 1, folder 36a, itens 9-14, pequeno caderno de 14 páginas chamado *Discurso preliminar*. Esse texto é como um rascunho, ele é certamente anterior, e não parece ter sido escrito por Delsarte. Trata-se, sem dúvida, de uma cópia feita pela sua esposa para ser vendida aos americanos, o original permaneceu na França. Nós citamos aqui o final.

<sup>4</sup> DC, box 12a, folder OS 26a, documento 15.

<sup>5</sup> FSB, dossier jaune “François Delsarte 1”, sous-dossier “5: art”, documento 1.

<sup>6</sup> DC, box 1, folder 21, documento 1.

<sup>7</sup> N. T.: a tradução dessa palavra é suposta, visto a dificuldade de ler o original.

<sup>8</sup> Seis vocalizes de F. Delsarte para sua aluna Mme. Gaëtane Valentin, professora de canto em Lyon, DC, box 1a, folder OS 36b, documento 3.

<sup>9</sup> Nós reunimos neste mesmo título dois textos que se completam e que se encontram reunidos na DC, box 1, folder 23, documento 32.

Traduzido do original em francês por Márcio Müller e revisado por Gilberto Icle.